

- 6 MAR 1987

## A recessão é nossa

Economia - Brasil

Quem se lembra de um ano atrás, quando a Nação brasileira podia regozijar-se por ter eliminado a fonte de todos os nossos males, a inflação? Ela voltou, tendo apenas vergonha de usar a palavra reajustável. Hoje, temos a Obrigação do Tesouro Nacional — não reajustável no nome, mas reajustada em 70,69% na prática. Há um ano, dizia-se que a inflação era apenas inercial; agora, ela volta a ser inercial, mas com novos ingredientes, que vão da inflação de demanda (por pouco tempo...) até a inflação de custo, sem falar da inflação da bestice.

A cena está montada para uma recessão profunda, que naturalmente o governo nunca aceitará; quando ela for evidente, o povo terá a consolação de saber que é bem nossa e não desse odioso FMI. De nossa parte, sabemos que não se poderia fugir da recessão depois de todas as tolices do Plano Cruzado; gostaríamos apenas que as autoridades reconhecessem esta triste realidade.

Muito se fala — com razão, pois a situação é realmente dramática —

dos efeitos da correção monetária da OTN sobre os aluguéis. Mais dramático ainda será esse efeito, já que o governo social da Novíssima República foi o que menos construiu casas populares, o que quer dizer que os reajustes atingirão em cheio as classes menos favorecidas da população. Ora, no instante em que se teme uma maxidesvalorização cambial, por seus efeitos inflacionários, é-se lançado no meio da maior desvalorização interna, que afetará profundamente a economia nacional.

Há muito tempo que se podia prever tal desvalorização interna, pois, no quadro de uma inflação reprimida, mais cedo ou mais tarde soaria a hora da verdade. O drama, hoje, é que a inflação do passado, artificialmente contida durante um ano, vai acrescentar-se a inflação de hoje com o acelerador do "gatilho" salarial, que representa um refinamento do sistema de correção monetária.

É fácil imaginar que todos os ativos financeiros financiados sofrerão da noite para o dia uma correção de 70,69%. Esse aumento terá de ser re-

passado aos preços, a menos que se queira favorecer uma onda de falências, que colocaria em risco todo o sistema financeiro do País. Até agora, o governo, que não quer reconhecer os seus erros, não realizou os reajustes necessários nas tarifas dos serviços públicos. Paradoxalmente, o único a fazê-lo, levando em conta a futura elevação de preços, foi o prefeito Jânio Quadros, no caso do transporte público... Assim, é fácil supor qual será a curva da inflação quando tiver de refletir todos os aumentos de preços. Mas talvez, como fez para a taxa de juros, o ministro Dilsen Fumaro consiga fazer baixar a inflação...

A este quadro interno temos de acrescentar o fator externo. Não queremos referir-nos apenas à greve que afeta o movimento dos portos, tampouco à dramática queda do preço do café no mercado internacional, mas ao desaparecimento das linhas de crédito voluntárias, que será talvez seguido pelo desaparecimento das linhas de crédito que os bancos se tinham comprometido a manter até 31 de março. Estamos seriamente

ameaçados de uma asfixia cambial, que aumentará o peso dos fatores recessionistas.

Ora, o ministro-viajante da Fazenda clama que o Brasil não tem pressa, pois cabe aos credores oferecer uma solução aceitável para o Brasil — da qual se exclui, naturalmente, qualquer monitoramento do FMI, cuja intervenção provocaria a recessão. Esta recessão, que já existe em alguns setores, vai invadir, muito mais cedo do que se podia imaginar, a economia brasileira — e, desta vez, sem nenhuma possibilidade de ser compensada por um aumento das exportações.

Diante de tal situação, cabe ao governo ter a coragem de dizer a verdade à Nação, de reconhecer — como acaba de fazer o presidente Reagan (privando-se dos seus mais íntimos colaboradores) — seus erros. Será muito mais cruel para o presidente José Sarney — que deseja afastar o fantasma da recessão por decreto — descobrir depois, tarde demais, que se instalou no País a queda das atividades econômicas, que pode trazer com ela o fim da democracia.